

FICHA TÉCNICA

Título: *Não Sou o Único – A biografia de Zé Pedro guitarrista dos Xutos & Pontapés escrita pela sua irmã*

Autora: *Helena Reis*

Copyright © by Helena Reis e Editorial Presença, Lisboa, 2007

Fotografia: Capa: *Rita Carmo*

Contracapa: *Luís Ribeiro, concerto em Santarém, 2004*

Capa e extratextos: *arranjo gráfico de Vera Espinha*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, Julho, 2007

Reimpressão, Lisboa, Dezembro, 2017

Depósito legal n.º 267 546/07

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

— Está, Zé Pedro? Lembras-te do Nuno, filho do Luís? Ele quer fazer um trabalho para a Faculdade acerca dos *Sex Pistols*. Tens alguns livros ou revistas que lhe emprestes?

— Ele que venha falar comigo.

— Falar contigo? Mas tu tens tempo?!

— *Eu tenho SEMPRE tempo para falar de Rock'n'Roll...*

Índice

O Início	15
Zona Limite	17
Capítulo I — A Infância	21
A vida, as viagens, os sonhos	21
Viagem à outra face da Terra	25
Chegados a Lisboa, tínhamos uma irmãzinha para conhecer	28
Os Olivais Norte... ..	30
História breve dos irmãos	32
Os Verões na praia do Vau	35
Capítulo II — A Adolescência nos Olivais	39
Um porto seguro... ..	41
O Verão do <i>Inter-rail</i> e outras viagens	48
Capítulo III — Os Xutos & Pontapés Estão Prestes a Acontecer	53
Do Sonho aos Xutos & Pontapés	54
O Zé Pedro tem o melhor sorriso do mundo — Mizé	55
O Zé sonha com o seu lugar no palco	59
<i>Conta-me Histórias</i>	63
<i>Ninguém joga para perder, tu deitando a carta certa...</i> (Zé Pedro)	66
Capítulo IV — Entre a droga e a morte da Mãe	68
<i>Gente de Merda, que me estraga a cabeça...</i> (Zé Pedro)	68
«Mal sabiam que havia um concerto, apareciam lá de guitarras às costas»	71

<i>Remar, remar, cortar a corrente...</i> (X&P)	72
<i>Cantando Embalei a Morte</i> (Ana Reis)	74
<i>O que tens para dar, tens que dar a valer...</i> (Zé Pedro)	78
Capítulo V — A Vida na Estrada Pode Ser Viciante	81
Os poderosos aliados	82
<i>Olhei, encontrei-a ali, tão atraente e olhava para mim...</i> (Zé Pedro)	87
1988?! Foi um ano bom! — Zé Pedro	92
<i>Gritos Mudos, a Queda</i>	96
Uma mulher no <i>backstage</i>	98
Capítulo VI — Uma Década ao Serviço do Rock'n'Roll	100
<i>Johnny Guitar</i> ou, carinhosamente, o <i>Johnny</i>	100
Rádio Energia — conversas à mesa do Johnny Guitar	105
1992 — Os Xutos diziam não de vez	106
«Vira o Vídeo» para a RTP 2 — o programa de todas as críticas	108
O Disco como Objecto de Culto	110
Capítulo VII — Acho Que Ele Merece Ser Feliz... ..	112
Um dia chegou e disse: Já temos casa!	113
<i>Nothing else matters</i> (Metallica)	115
1993 — <i>Direito ao Deserto</i>	117
la levar a namorada a casa... ..	119
Os lanches-do-tio... ..	125
Campo de Santana	125
Capítulo VIII — Os Natais nos Olivais	129
Parados no tempo de dourado encantamento	129
Capítulo IX — Atenção Que Este Mundo É Teu	133
O Zé Pedro está sempre disponível para as pessoas, para os aconteci- mentos — Henrique Amaro	133
<i>A tournée do Dados Viciados</i>	138
U2 em directo para a TVI	139
<i>Para Sempre...</i>	141
1999 — Timor, uma causa maior	142
O princípio do fim... ..	143

Capítulo X — O Rock Já Não Mora Aqui!	144
O fim do bar foi-se arrastando e o Zé Pedro arrastou-se com ele...	146
Capítulo XI — Acidente na Zona Limite	150
Dia 1 de Agosto de 2001	154
Os Xutos sem o Zé Pedro não existem — Tim	161
O Zé teria de mudar radicalmente de vida	162
Do hospital para os concertos	166
<i>Sinto dor no teu olhar</i> (Zé Pedro)	170
O Verão mais triste e estranho...	171
Capítulo XII — <i>The Changeling</i>	174
A nova casa do Zé Pedro	175
<i>E não se dão flores a quem morre de cancro... Quando eu morrer, 78-82</i> — X&P, 1981	176
Morte do Pai	178
Melides — A Casa-dos-Sonhos	179
Os takes #...	
Os <i>takes</i> #...	183
Take #1 — Rádios, Televisão, Filmes e Ser DJ	184
Take #2 — Fãs e ídolos + Entrevistado vs Entrevistador	190
Take #3 — Conferências nas Escolas	193
Take #4 — Dar a Cara, Sendo Solidário	201
Take #5 — Condecoração	204
Take #6 — Viagens pela Música	206
Ter tempo para tudo	208
Breves Palavras dos Amigos Gui, João Cabeleira, Kalú e Tim, dos Xutos & Pontapés	213
Homenagem à Marta Ferreira	219
Nota justificativa deste livro	221
Notas	225
Agradecimentos	229
Bibliografia	231

O início

Nasci há pouco mais de 50 anos, numa família criada por um pai militar, não autoritário, e uma mãe militante-dos-valores-familiares, que deu à luz sete crianças — cinco belas moças, e dois bons rapagões.

Quando pela primeira vez abri os olhinhos, apenas existiam lá por casa, duas raparigas, a Paula e a Leny, que já nessa altura tinham o seu território bem demarcado. Isso exigiu que eu, desde logo, tivesse a árdua tarefa de magicar certas artimanhas para levar a água ao meu moinho e conseguir impor-me como *o mano mais velho*, enfim, como galo na capoeira. No entanto, a chegada de mais duas meninas ao seio da irmandade, a Ana e a João, deixou-me completamente desarmado, por não saber como haveria eu, ainda de tenra idade, de controlar aquelas irmãs todas.

Por sorte minha, o meu pai foi recambiado para Timor, levando com ele a família. Tive, deste modo, a grande oportunidade de saltar para a frente do colectivo, uma vez que as raparigas iriam necessariamente precisar da protecção do *mano* e, assim, eu ganharia favores para o resto da minha vida.

Os pais decidiram deixar a nossa quarta irmã — a João — com os meus avós, em Lisboa, por ser ainda bebé, o que facilitou o meu papel de *mano mais velho*. E para completar este já belo cenário familiar, eles ofereceram-me em Timor um aliado de peso — o meu *mano* Nuno —, sem dúvida uma peça fundamental para o controlo total desta família, que, para além de óptimas experiências de vida, sempre me deu amor, respeito, dedicação e compreensão.

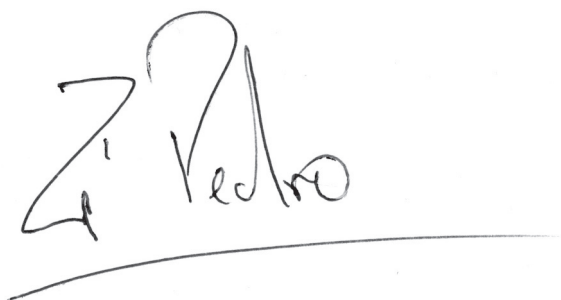
O regresso a Lisboa proporcionou-nos o reencontro com a nossa irmã João, que mal conhecíamos, agora já com três anos de idade. Desde logo me prontifiquei a ajudá-la a integrar-se num bando de selvagens — na verdade, regressávamos à capital do império vindos da selva profunda. Com este jogo diplomático, mais sólida ficou a minha «posição» familiar, que foi reforçada com a ida do núcleo duro (as duas irmãs mais velhas) para o colégio interno de Odivelas.

Finalmente, nasceu a mais pequenita, a Patrícia, trazendo-me uma enorme alegria, até porque, estrategicamente, como mano mais velho eu tinha tudo controlado...

Foi assim que vim ao mundo e passei os primeiros anos da minha vida, que agora a mana Leny, onze meses e um dia mais velha que eu, decidiu contar neste livro, que tanto me orgulha.

Obrigado a toda a família que fez de mim o que sou hoje!

Zé Pedro

A handwritten signature in black ink that reads "Zé Pedro". The signature is written in a cursive, somewhat stylized font. Below the signature is a long, thin horizontal line that spans across the width of the signature.

Zona limite

O choque da notícia dada por telefone fora tão brutal que parecia que me quebravam as pernas pelos joelhos! Caí no chão e paralisei completamente, não fui capaz de me mexer dali. Tive de esperar que o João chegasse para me ajudar a levantar.

Durante a viagem para Lisboa, a boca muito seca, com sabor a metal ou papelão, o coração batendo tão forte que pensei que acabaria por ceder descontrolado, a cabeça recusando-se a funcionar, os membros entorpecidos pela noite sem dormir, supus que seria incapaz de andar pelo meu pé.

Era muito cedo, e latejava na minha visão, em *flashes*, a passagem pelo cemitério para comprar flores. A pergunta das duas vendedeiras ressoava como um trovão no fundo do meu cérebro: «O defunto é Sr.^a ou Sr.?»

Não se tratava, *ainda*, de uma morte.

Num desespero tornado pesadelo, fui impelida por forças superiores para a secção dos Cuidados Intensivos, onde jazia o meu irmão, para ir encontrá-lo atrás da cortina branca.

Dia 1 de Agosto, um calor abrasador, uma miragem que derrete o entendimento deixa-nos incapacitados para compreender o mundo, um sufoco que greta os lábios e nos crispa a pele, observo horrorizada o labiríntico caos de tubos que liga o meu irmão à vida. Nariz, boca, braços e mãos, uma marioneta por cujos fios correm líquidos às cores: vermelho-sangue, amarelo-soro, transparente-potássio, azul, verde, uma alucinação para os meus olhos. Placas de sangue seco coalhado, uma respiração que pára a espaços, uma visão horrenda e dantesca!

«Como foi possível, Zé Pedro? O que foi que nos aconteceu, Mano Velho?»

Ainda no dia anterior, menos de 24 horas antes, uma conversa muito séria nos fizera ficar mais próximos. As farras da última semana em que vivêramos em permanente festa, iam ter um fim, mas eu estava longe de imaginar que ele pudesse ser tão trágico.

Que pesadelo era este?

O meu irmão não podia ouvir-me, era impossível que me visse, até que me sentisse. Transpusera a barreira da vida e encontrava-se no limiar da morte. «Às portas da morte»... Não sei se a morte tem portas, mas há seguramente uma passagem de onde ainda é possível regressar. Era aí que se encontrava o Zé Pedro.

Olhei o lençol branco a tentar adivinhar, em vão, a figura alta e esguia que todos nos habituámos a ver nos concertos, as pernas muito altas enfiadas nos *jeans* muito justos, as botas que correm em palco, as mãos que formam um todo com a guitarra, o sorriso franco e aberto que cativa multidões, os gestos expressivos que os fãs reproduzem com alegria, os olhos vivos verde-cinza, tão iguais aos da nossa mãe...

Nada disso encontrei. Nada restava dessa vida vivida em velocidade de cometa rasgando os céus, actuando nas noites em brilhos loucos dos holofotes, subidas ao topo da fama!!!

Quase pude antecipar os cabeçalhos dos jornais:

«Álcool e drogas matam guitarrista dos Xutos & Pontapés!»

Os médicos haviam-me dito que o Zé Pedro não passaria dessa noite. Quando olhei para ele, admiti que tinham razão.

Mas avolumava-se ali uma luta de gigantes, e a força de que o meu irmão é feito, a força que o impele para os sonhos, a força que lhe vem da música e que ele imprime ao rock, ia agora medir forças com a destruição e a morte que ele provocara a si mesmo.

Era preciso esperar.

Foi o que fiz, olhando o ser mirrado e pequeno, cinzento e frio que só muito vagamente se parecia com o meu maninho.

Debaixo do lençol, nem um sopro. Diz-se que, mesmo antes de morrerem, vemos passar a nossa vida diante dos olhos. Inexplicavelmente, fui eu que comecei a ver diante de mim o bebé gorducho e inquieto que tanto trabalho deu a criar, o rapazinho cativante que tratava a nossa mãe

por «Minha Rosinha», o adolescente complicado que mudava constantemente de liceu, e o adulto persistente cuja tenacidade tornara possível o sonho de ter uma banda de Rock'n'Roll.

Encostada à maca dos Cuidados Intensivos, perdida de medo e de dor, enquanto aguardava o resultado do violento duelo que o meu irmão travava, uma catadupa de lembranças assaltou a minha mente e começou a delinear-se o que a seguir vos conto.

CAPÍTULO I

A infância

A Vida, as Viagens, os Sonhos

Pela meia-noite de 13 para 14 de Setembro de 1956, de quinta para sexta-feira, na Maternidade do Pavilhão da Família Militar do Hospital da Estrela, em Lisboa, quarto n.º 3, nascia um rapazinho que pesava 3,800 kg. Os pais chamaram-lhe José Pedro Amaro dos Santos Reis.

Já existiam duas irmãs, a Paula e eu (Leny), portanto a euforia foi geral. Ouvimos contar que, para fugir ao azar, a mãe o registou no dia 14, às 00h30, considerando que, quando ele nasceu, já passava da meia-noite. Inúmeras vezes pela vida fora, Zé Pedro haveria de celebrar os anos começando a 13 e acabando a 14, ou até em ambos os dias, fazendo jus à sua hora de nascimento.

No seu Livro de Bebê encontrei: «Cor do cabelo — castanho-claro; cor dos olhos — azuis.»

O nosso pai, Pedro João dos Santos Reis, era oficial do Exército, mais tarde fez o Curso do Estado-Maior General das Forças Armadas. Um apaixonado da Matemática, do xadrez e do bridge, lia livros contínua e ininterruptamente, ouvia jazz com paixão, sabia História, Geografia, Filosofia, Literatura, Ciências, sabia Física e Química. Estudara em Coimbra e tocava viola acústica. Os nossos avós paternos, viviam no Louriçal: a avó Mimi tocava piano maravilhosamente e adorava dançar. O avô Carlos, médico de profissão, tocava viola. Aliás, todos os seus irmãos sabiam música: o pai deles conseguira que cada filho aprendesse a tocar um instrumento e, não contente com isso, conseguiu que um dos filhos

aprendesse a tocar os vários instrumentos, de maneira a substituir qualquer um que faltasse.

O pai tinha um irmão mais velho, também médico, Carlos Manuel, e duas irmãs: Maria Helena (a tia Lena-de-Aveiro) e Maria Manuela (a tia Nela).

A nossa mãe, Olga Helena Ricardo Castro Amaro dos Santos Reis, era muito bonita, inteligente, determinada, gostava de poesia e era culta. Nasceu em Luanda, mas viera para Portugal aos três anos de idade. Vivia em Lisboa, filha da Teresa e do Carlos, a quem chamávamos «Carlinhos» — reza a história que ele era muito novo quando a Paula (a sua primeira neta) nasceu e ficou tão impressionado, que não quis ser tratado por «avô». A nossa mãe tinha uma irmã, Madalena, que tratávamos por «tia Lena-de-Lisboa». Desde nova que a nossa mãe passava férias na praia do Vau, mas houve um ano em que foi viver para Oxford, em Inglaterra, onde iria ficar uns anos a fim de aperfeiçoar o Inglês. Quando voltou de férias a Portugal, já não quis regressar a Oxford, pois conheceu o nosso pai, apaixonaram-se e casaram. Mobilizado para Moçambique, embarcaram os dois tendo, nesses anos, vivido na Beira e em Lourenço Marques, onde nasceram as duas irmãs mais velhas do Zé Pedro: a Paula e eu.

Entretanto, o nosso pai fora colocado em Tomar e, após uma curta passagem por casa dos avós maternos, em Lisboa, seguimos para lá. O Zé tinha três semanas e ainda nesse mês, o primeiro da sua vida, foi de comboio ao Lourical, visitar os avós paternos. As viagens do Zé começaram cedo, mas seria ainda impossível saber que toda a sua vida se viria a desenrolar em viagem, na estrada, por opção sua.

O pai tinha três camaradas com quem estudara e que estavam agora em Tomar com ele. As mulheres, felizmente, davam-se bem entre elas. Tinham filhos das mesmas idades e, como tantos casais jovens e amigos, faziam piqueniques e levavam as crianças aos baptizados uns dos outros. Esses bebés, colegas de festas, irão entrar e sair da vida do Zé Pedro ao longo dos anos, e ele conservará estas amizades, como se nunca as tivesse interrompido.

O Zé «era gorducho e bem-disposto». Cansei-me de ouvir contar que ele era tão irrequieto, tão desassossegado que, ainda estávamos em Tomar, a avó Teresa, tomada de pânico, levou umas correiazinhas de cabedal para o atarem ao berço, a ver se ele não caía.

Chegou o Verão. Ouçamos a mãe: «No dia 28 de Julho de 1957, foi à beira-mar pela primeira vez: gostou imenso da areia, riu-se muito, mas

teve muito medo da água!» Rapidamente perderá o medo e, durante quase toda a sua vida, viverá perto da água. Estão para vir os Verões passados na Praia do Pedrógão, Figueira da Foz, Praia da Rocha, Praia do Vau, Dili (Timor) e tantos outros.

Mas a mãe continua: «No seu primeiro aniversário, estava no Lourçal a passar uns dias com a mãe e as manas enquanto o pai estava em manobras militares. Começou a andar bem no dia 16 de Setembro de 1957.» E era aí, no Lourçal, que o avô paterno, médico, visitava os doentes a cavalo, na companhia de um enorme cão que percorria as distâncias sem fraquejar. Os avós viviam num casarão de província, onde famos visitá-los amiúde e havia sempre comida ao lume, doces celestiais e um rádio na salinha de estar, que ficava ligado dia e noite, sempre com a música a tocar. Já ninguém se lembrava quando ou quem tinha ligado o rádio.

Veremos que *um rádio a tocar* vai aparecer recorrentemente como apontamento marcante na vida do Zé Pedro: «No dia 24 de Novembro de 1957, já de volta a Tomar, o Zé Pedro dançou sozinho. Tínhamos o rádio aceso e estávamos entretidos a conversar; quando demos por ele, estava a dançar muito convencido» (letra da mãe).

Era muito saudável, dormia e comia lindamente. Gostava muito de caldos de carneiro e «com um ano e meio, no Pedrógão, gostava tanto de sopa de feijão, que a comia sozinho e, mal acabava, puxava o prato de uma das irmãs para a sua frente e comia-o também». Havia uma cor para os pratos e copos de cada um: a cor da Paula era o azul, a minha, o amarelo e a do Zé era o vermelho.

A 13 de Dezembro de 1958, pelas 5h30 minutos, nasceu a irmã Ana Isabel. Desta vez, a mãe não pôde fazer batota e ela foi registada mesmo a 13. Mais uma companhia para o Zé, que, até então, fora quem gozara do estatuto de «filho mais novo» por mais tempo. À medida que a família crescia, os pais começavam a preparar-nos para partilhar espaços, roupas, brinquedos, atenções e mimos. A mãe adoptava, também, uma prática que se tornaria corrente: quando algum dos filhos apanhava as doenças próprias da idade, ela não afastava os outros, de modo a que, se fossem contagiados, ficassem doentes ao mesmo tempo. Era uma sorte, até quando estávamos doentes, tínhamos companhia! E assim, em Março de 1959, com dois anos e meio, o Zé apanhou tosse convulsa com as manas mais velhas. Andávamos de avião para fazer passar a tosse, mas a dele só passou ao segundo voo. Neste segundo voo, fomos até Aveiro. Ele adorou.